

FESTEJOS DE SANTO ANTÔNIO, O PADROEIRO DE CANUDOS

*Elldon Canário
Advogado e escritor*

Nos anos quarenta e início da década seguinte, um fato importante começou a diferenciar a vila de Canudos de outras localidades do sertão da Bahia: a presença do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. Até essa época, não só a vila de Canudos, integrante do município do Cumbe, como a própria sede do município, e outras cidades, vilas, arraiais e povoados viviam em estado de isolamento quase total, excetuando-se apenas as localidades servidas pela estrada de ferro, que atingia Juazeiro, no São Francisco. Depois de Serrinha, em plena caatinga, ou Alagoinhas, mais próxima ao litoral, nenhuma localidade dispunha de energia elétrica, água encanada, e as estradas eram as chamadas carroçais, por onde trafegavam mais carros-de-boi do que veículos motorizados.

Canudos, nascida dos escombros da guerra travada entre o Exército Nacional e os seguidores de Antônio Conselheiro, somente com a ameaça de Lampião voltou a ter contato com outras localidades, como Uauá, onde ficava o comando geral de combate ao cangaço, Várzea da Ema, por questões de família, e, finalmente, Canché, a quem prestava auxílio na defesa do banditismo. Por essa época, devido à presença dos volantes, começaram a circular os primeiros veículos e o rádio-telégrafo começou a ser usado. Morto Lampião, voltou a paz e, de novo, o isolamento.

Até então, e ainda por alguns anos, os bens comercializados em Canudos e localidades vizinhas, eram adquiridos em Feira de Santana e transportados para Itiúba, por via férrea, de onde seguiam até o destino final em lombo de burro, com os famosos tropeiros. Essa dificuldade permitia apenas a compra e venda de bens indispensáveis, como roupas e alimentos, embora se vendesse também

alguns supérfluos, como bebida, esta oferecida na porta de cada negociante. Os fogos, muito usados em festas de padroeiros, eram comprados em Juazeiro, ou em outras cidades, pois não se podia imaginar uma vida só de trabalho, cada localidade dedicando-se a festejar o seu padroeiro com a maior pompa possível.

Santo Antônio, que havia sido o padroeiro de Belo Monte, nome de Canudos no tempo do Conselheiro, retomou o seu posto e uma nova imagem foi adquirida pelos novos habitantes do lugar, tendo chegado a Canudos em junho de 1909, sob grande aclamação popular. Desde então, todos os anos, os canudenses fizeram dos treze primeiros dias de junho, um momento de grandes festejos.

A chegada do DNOCS a Canudos, no ocaso da década de trinta, causou profundas mudanças na vila. Com a função de combater a seca, este órgão tratou antes de cortar o sertão com uma importante estrada, cujo traçado, a partir de Serrinha, distanciava-se cada vez mais da linha férrea, passando por Araci, Tucano, Cumbe, e, daí em diante não mais cortando nenhuma cidade até atingir o São Francisco, na Barra do Tarrachil.

Não se sabe se pela fama do lugar, em decorrência da guerra, ou se por alguma conveniência estratégica, a verdade é que o governo estabeleceu a residência em Canudos, desprezando outras localidades mais importantes e não beneficiando com a estrada uma cidade como Uauá, talvez por estar mais próxima a Juazeiro, servida por via férrea. Assim, Canudos viu chegar outro Exército, desta vez empunhando a bandeira da paz e da prosperidade. Ainda não se falava em açude de Cocorobó, ou qualquer outro projeto de irrigação. A estrada transnordestina era a meta principal.

As mudanças foram profundas. Máquinas pesadas, tratores, escavadeiras, planadeiras, conhecidas como patrões, caminhões e limusines modificaram a vida dos canudenses, gerando inúmeros empregos para os moradores do lugar e até de localidades vizinhas, fazendo surgir casas comerciais, armazéns de venda de couro e, principalmente, novas residências. As obras civis mudaram a paisagem, com a construção da oficina, do almoxarifado e do escritório, todos localizados à margem do traçado da estrada. E envolvendo todo esse conjunto, de um lado, um acampamento de casas de adobe, destinado aos trabalhadores da oficina e do depósito, dos feitores, motoristas e operadores de máquinas. Do outro lado, um pouco mais próximo a rua, numa pequena elevação preparada para esse fim, surgiu o famoso acampamento de madeira, com lindas casas dotadas de toda infraestrutura, como banheiros e privadas individuais, luz elétrica e água encanada. Em algumas dessas casas, os canudenses viram, pela primeira vez, um rádio e uma geladeira. Enquanto isso, as obras da estrada prosseguiram, rasgando a caatinga, pontes cruzando riachos e rios, seguindo em direção ao norte.

Nos primeiros tempos, os funcionários do governo que tinham chegado com o DNOCS, mantiveram-se isolados, como uma casta. Eles tinham salário certo, boas moradias, veículos à sua disposição, e não queriam se misturar aos nativos, geralmente ignorantes, pobres, habitando em casas precárias, usando o mato como privada, exceto uns poucos privilegiados, comerciantes ou autoridades locais, como o delegado.

No decorrer do tempo, foi instalado o posto médico, num prédio de dois pavimentos localizados na rua da igreja, a poucos metros do templo de Santo Antônio, formando o conjunto a parte mais bonita da praça do comércio. Ao centro desta, ficava o mercado, ou barracão, como era denominado pelos moradores. Ali os produtos da feira eram expostos aos compradores. Convivendo com mecânicos, motoristas, escriturários, topógrafos, engenheiros, enfermeiros e até um médico, os canudenses começaram a se aperfeiçoar a um novo mundo, onde se falava normalmente na Bahia, a famosa cidade do Salvador, capital do Estado, de onde vinham e para onde iam o médico, o engenheiro, alguns motoristas e funcionários graduados do órgão.

Mas essa interpenetração de culturas não arrefeceu a fé dos canudenses, que continuaram a festejar o São João com as suas fogueiras e, principalmente a grande festa de Santo Antônio, o padroeiro do lugar. Nos primeiros tempos, meio desconfiados, os de fora não se encorajaram em participar desses festejos religiosos e se contentavam a brincar o Carnaval, realizado no acampamento de madeira, na barraca de nº 3, a maior de todas, e usada como república para os solteiros.

Como tinham de usar o comércio local, não só para comprar, mas também para tomar dinheiro a fim de adquirir mantimentos na feira, os empregados do DNOCS começaram a entrar em contato com os comerciantes, os empregados das vendas e algumas pessoas de destaque. Depois, alguns canudenses, por necessidade dos serviços, começaram a integrar os quadros de trabalho do DNOCS e a integração foi-se efetivando mais rapidamente. Em seguida, vieram os casamentos e tudo se completou em perfeita harmonia.

Com o desenvolvimento de Canudos, os comerciantes começaram a mandar os seus filhos para colégios em Senhor do Bonfim e Salvador, como faziam alguns funcionários do governo. Esses estudantes, nos períodos de férias, transformavam Canudos num lugar especialmente alegre, com rapazes e moças enfeitando a rua, fazendo brincadeiras e promovendo festas animadas. Desse modo, também os festejos de Santo Antônio foram se modificando, até atingir, antes da virada da década de quarenta, num acontecimento famoso em toda a região.

Desde o dia primeiro de junho a zabumba começava a tocar. Conhecida também como conjunto Calumbi, compunha-se de quatro instrumentistas: dois tocavam gaita, ou pífaro; um tocava a caixa, com dois cambitos; e outro marcava o ritmo na zabumba propriamente dita, um enorme tambor, usando em uma das mãos uma vara de malvarisco e, na outra o batedor de surdo, feito de um pedaço de pau, com um forro de couro na extremidade. Tanto a caixa como a zabumba eram presos ao pescoço por uma pequena corda, ou correia de couro. É um instrumento típico dos indígenas e comum em quase todas as cidades, vilas e povoados da região. As músicas eram quase sempre as mesmas, todos os anos, mas um grande sucesso de carnaval poderia ser incluído no repertório. Os tocadores tinham função vitalícia e quando um deles caía doente, algum parente próximo o substituíam. Em Canudos, os tocadores mais famosos eram Zé Bolacha e Mamede do Velho Miguel, nas gaitas; Nocolauzinho na caixa; e Zeca do Pão na Zabumba. Uma festa de Santo Antônio sem a zabumba era algo inconcebível.

Com o progresso, ocorreu uma pequena modificação. Devido a exigência dos novos habitantes, os organizadores dos festejos começaram a contratar sanfoneiros de fora, mas não aqueles tocadores de concertina que já eram conhecidos nos lugarejos perdidos nas caatingas. O sanfoneira trazia consigo uma bateria e um tocador de banjo e como a esse conjunto não se dava nome, identificam-no pelo dono como Chá Preto, famoso tocador de sanfona de Pernambuco, sempre lembrado nas festas de Santo Antônio. Mas esses tocadores de Sanfona só atuavam nos últimos dias da trezena, cabendo à Zabumba brilhar nos dias anteriores.

Começava com a alvorada. Com as primeiras claridades do dia, ouvia-se o som das gaitas e o bater da zabumba, o conjunto deslocando-se pelas ruas, passando nas frentes das casas e parando nas residências das pessoas mais importantes, onde permaneciam por alguns instantes, significando aquele gesto uma honraria. Acompanhando os tocadores ia o soltador de foguetes, geralmente pessoa da família dos instrumentistas. De suas camas, os canudenses podiam se deleitar com os sons das músicas e os estampidos dos foguetes, depois de rasgarem os céus de Canudos, como uma mensagem de alegria.

Por outro dia a Zabumba tocava, fazendo alguns intervalos, principalmente nas horas das refeições, ou quando o calor do sol desaconselhava o caminhar ininterrupto pelas ruas. Mas a tardinha, quando todos haviam se banhado e trocado de roupa, a Zabumba voltava a tocar e só parava depois do Ludum, quando o sino batia a Ave Maria. À noite, acompanhava os cortejos da entrega

de ramo, recolhendo-se os instrumentos em seguida, para só voltar na madrugada seguinte.

O Ludum era um dos momentos mais bonitos das festas de junho e repetia-se todas as tardes, com as pessoas postadas nos passeios das casas e das vendas, ou sob o barracão, aguardando aquele momento mágico.

Por causa da guerra, sempre que chovia, os meninos saíam pelos arredores de Canudos à procura de casca de bala, balas usadas ou pentes inteiros, sem uso. E dentre esses objetos, havia naturalmente casca de bala de canhão, medindo aproximadamente dezoito centímetros, o tamanho de um copo normal. Esses artefatos já usados serviam para a confecção de ronqueiras, uma bomba de poder explosivo muito superior às comumente usadas nos festejos. O próprio encarregado de soltar foguetes confeccionava essas bombas fantásticas. Para isso, pegava a casca de bala de canhão e punha nela uma certa quantidade de pólvora, numa espessura equivalente a três dedos de um adulto. Cobrindo essa porção de pólvora, havia uma camada de argila, a mesma usada no fabrico de adobes, que chegava até às bordas da casca de bala. Cuidadosamente socada, a argila prensava a pólvora e prendia o estúpido desde o fundo do artefato até um palmo além da boca, para ser queimado com total segurança. A ronqueira, assim chamada, era enterrada na frente da igreja, nas proximidades da casinha do sino e por ali não podia passar ninguém, principalmente os meninos.

Pouco antes da Ave Maria, depois de circular pelas ruas, tocando, a Zabumba dirigia-se para a frente da igreja e parava na casinha do sino e silenciava por alguns instantes, como se permitindo a todos a necessária concentração para apreciar o espetáculo. Entrava em cena, nesse momento, mais dois importantes figurantes: o tocador do sino, que podia ser Mané Lambaio, e o acendedor da ronqueira, tarefa esta a cargo de Bê, também filho do velho Miguel. Dado o sinal, o sino disparava em rápidas badaladas, num ritmo alucinante, acompanhado pela zabumba, com as gaitas executando o Ludum, música de autor desconhecido, repetida as tardes, em todas as festas de Santo Antônio. Uma obra magistral que o tempo não desfaz. E enquanto o sino repicava e as gaitas tocavam aquela linda melodia, acompanhadas pela caixa e a zabumba grande, os foguetes pipocavam no céu. Depois, vinha a girândola, uma sequência de foguetes queimados a um só tempo, as bombas explodindo umas após as outras, num barulho ensurdecedor, tudo como prenúncio do grande estrondo que ia ser produzido pela ronqueira.

Bê dirigia-se então para o famoso artefato e aguardava o silêncio das bombas no céu e acendia o estúpido, todos protegendo-se no beco da igreja, para onde Bê corria sem desespero, pela certeza do tempo a ser gasto pelo

fogo, até chegar a pólvora. Nesse momento, toda a vila de Canudos parava a respiração. Segundos depois, ouvia-se o estrondo, parecendo um trovão, ecoando pelos altos. Os meninos gritavam felizes. Depois, a Zabumba parava e ouvia-se o toque da Ave Maria, quando todos, perfilados e contritos, oravam pedindo proteção à mãe de Deus.

Depois do Ludum e da Ave Maria, todos se recolhiam para o jantar e a rua ficava momentaneamente deserta, as vendas fechadas e até a barraca de Laura de Zeca do Pão, onde se vendiam fogos, não atendia nenhuma criança para comprar traque e chuinha.

Nos primeiros tempos do DNOCS não havia luz elétrica na rua. Somente os acampamentos de madeira e dos mecânicos e choferes usufruíam dessa delícia da civilização. Por isso, os habitantes da rua antiga eram obrigados a dormir cedo, os comerciantes usando as petromax a querosene para clarear as vendas, e as donas de casa, o velho e inseparável candeeiro. Por esse tempo, as festas de Canudos não tinham tanto brilho, igualando-se a tantas outras de localidades da região. Mas quando o DNOCS fez a luz gerada pelo possante motor adquirido na América do Norte, da marca International, chegar à rua, a mudança foi radical. Os candeeiros continuaram sendo usados, mas só depois das nove e meia da noite, quando a luz era desligada. Havia um sinal às nove horas e todos corriam para suas casas, preparando-se para dormir.

Por uma solicitação das autoridades locais, a administração do DNOCS, nos últimos três dias dos festejos de Santo Antônio, deixava o motor ligado até mais tarde, meia noite, uma hora da manhã, a depender de algum evento que justificasse essa medida. Com a rua iluminada, as pessoas podiam jantar tranquilas e sair, depois, para a igreja. Mas não iam assim, dispersos, aos grupos. Antes, aglomeravam-se na porta da casa do dono da noite e saíam todos juntos, acompanhando a zabumba.

Aqui cabe uma explicação a respeito do dono da noite, ou noiteiro, como era chamado. Como a festa de Santo Antônio se desenrolava pelos treze dias iniciais do mês de junho, cada pessoa de destaque se incumbia da organização de cada noite, pagando aos tocadores da zabumba, enfeitando a igreja, recolhendo as oferendas para o leilão e custeando todas as despesas com os fogos. As primeiras noites, por ficarem a cargo de pessoas menos aquinhoadas, eram menos animadas, naturalmente. Mas à proporção que se aproximava o dia treze, os donos da noite, dispendo de mais recursos, preparavam eventos mais sofisticados, os trabalhos envolvendo todo o pessoal da família. Assim, havia mais foguetes no céu, a igreja ficava mais bonita e os leilões eram mais concorridos. Como

numa importante competição, as pessoas começavam a torcer pela noite desta ou daquela figura e o auge da disputa se dava no momento da entrega do ramo.

A zabumba começava a puxar o cortejo em direção à igreja, enquanto os foguetes rasgavam o céu. Lá em cima, explodiam as bombas ou clareavam o firmamento as lágrimas coloridas. Na igreja, cabia às mulheres puxar os cânticos e as orações, todas ajoelhadas, junto ao altar, enfeitado com flores e panos alvos, agora em destaque, devido à iluminação do templo. Os cânticos eram sempre os mesmos, todos falando de Santo Antônio e dos seus milagres. Iniciavam, quase sempre, com este:

Português Antônio,
Ouve os rogos meus.
Da misericórdia,
Alcançai de Deus.

Depois, liam algumas orações, rezavam Padre-Nossos e Ave Marias e voltavam a cantar:

Bem merecestes
Ter com amor,
Em vossos braços,
O Salvador.

Esses versos, referindo-se a Santo Antônio, lembrava a sua inconfundível imagem, lá no altar, com o menino Jesus nos braços. Voltavam depois às orações e leituras. E as mulheres, de cor ou com um livrinho nas mãos, recitavam velhos trechos, alguns sendo repetidas pelos fiéis, ora ajoelhados, ora em pé, todos seguindo atentamente. Desde o início, esses intervalos entre orações e cânticos eram marcados com os foguetes, alguns deles caindo sobre o telhado da igreja, os estrondo sendo ampliados, os fiéis impassíveis, não se incomodando com as fortes bombas explodindo tão perto. Seguiam-se outros cânticos, toda a igreja fazendo o coro:

Antônio Santo,
De Deus amado,
Por ti eu seja
Sempre amparado.

E no final, todos em pé, sabendo já que a reza chegava ao seu termo, cantavam:

Bendito e louvado seja
Santo Antônio, sol brilhante,
Que em Lisboa, Itália e França
Deu luz a mais rutilante.

Terminada a reza, não se dispersavam. Divididos em dois grupos, os fiéis seguiam para a casa do dono da noite seguinte, os familiares deste na frente. Ao som da zabumba deixavam a igreja e caminhavam vagarosamente, enquanto os rojões pipocavam no céu. Em instantes, alguns minutos depois, chegavam à casa do dono da próxima noite para a entrega do ramo. Travava-se então uma linda batalha de fogos, como se os ocupantes da casa não quisessem permitir a aproximação dos que chegavam. E a depender dos encarregados, de suas posses, a batalha se prolongava por algum tempo, com os mais variados tipos de fogos. Finalmente, encerrada a contenda, a zabumba voltava a tocar e uma mulher fazia a entrega do ramo sob aplausos da imensa platéia. Esse instante mágico prolongava-se por vários minutos, talvez dez, quinze, a noite transformando-se em dia, as vestes coloridas destacando-se e os semblantes felizes traduzindo a grande emoção daquele momento. Quando os fogos cessavam, a Zabumba voltava a tocar e todos entravam na casa e bebiam até a hora do leilão.

Os fiéis tomavam o rumo do barracão e os meninos circundavam a grande mesa apinhada de oferendas, todos curiosos, querendo saber quem arremataria tanta coisa bonita e valiosa. E Zeca do Pão dava início ao pregão, autorizado pelo noiteiro. No início, pegava os objetos menos valiosos, deixando os mais requintados para o final. Punha na cabeça a melancia ou uma abóbora e saía gritando, passando pelo meio das pessoas:

- Quem dá mais? Quem dá mais?

O barracão não cabia de tanta gente e as pessoas ocupavam a praça, principalmente do lado oposto à igreja, concentrando-se nas portas das vendas, ou nos balcões e reservados, onde bebiam. Zeca do Pão não se furtava de passar por esses lugares, procurando melhores preços pelas ofertas. Bebiam cachaça, conhaque, vermute é só os mais afortunados podiam beber cerveja. Zeca do Pão insistia:

- Quem dá mais? Quem dá mais por essa melancia que ofereceram a Santo Antônio?

- Dou um mil réis - apresentava-se alguém.

- Um mil réis me dão por essa melancia que ofereceram a Santo Antônio. Quem dá mais? Quem dá mais?

Os ricos deixavam para mais tarde os lances mais altos, quando fosse leiloado um carneiro, um bode, um bolo ou uma compoteira de doce. Nesses casos, era costume o arrematante ofertar o produto a alguém do seu apreço.

- Quem dá mais? Quem dá mais?

E como ninguém mais desejasse ou pudesse fazer oferta, Zeca do Pão decidia aos gritos:

- Dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe três e na quarta vou entregar esse lindo carneiro ao capitão Isaías, que foi quem arrematou, por vinte mil réis e ele manda oferecer a dr. Arnaldo

E recomeçava com outro bem ofertado a Santo Antônio. E nesses pregões de todas as noites de junho, desde o início do mês, até o famoso dia treze, Zeca do Pão punha a sua poderosa voz a serviço do querido padroeiro de Canudos. Era marca registrada a sua presença nos leilões e na zabumba. Por isso, nenhum canudense poderá esquecer de sua figura. Era alto, magro, moreno, bigode ralo e nariz imenso, antecedendo uma boca de lábios finos. Não dispensava um chapéu de massa, com as abas caídas, desgastado pelo tempo. Nos pés, alpercatas de cangaceiro. Era ele parte integrante dos festejos de Santo Antônio.

Em um desses leilões inesquecíveis, houve um momento marcante, que levou todos os fiéis a gargalhadas. Zeca do Pão conduzia uma grande cuia cheia de batatas, driblando as pessoas, pedindo mais dinheiro:

- Quem dá mais? Quem dá mais por esse "cuião" de batatas, que ofertaram a Santo Antônio?

Depois do leilão, a festa, como era chamado o baile, podia ser em qualquer casa, se houvesse uma boa sala com piso em cimento, para facilitar o deslizar dos sapatos. Mas sempre escolhiam as residências dos ricos, com certo rigor no ingresso dos participantes, não se permitindo o acesso de pessoas que não se vestissem adequadamente. Nesse caso, mesmo sendo o indivíduo pobre, se tivesse um comportamento digno, podia participar. Não era comum, porém. As famílias mais destacadas e os funcionários do DNOCS dominavam o ambiente.

Nessas festas não tocava a zabumba, mas uma “orquestra”, ou um “jazz”, como eram chamados esses conjuntos musicais às vezes compostos de um clarinete, um banjo e uma bateria; ou de uma sanfona, um pandeiro e uma bateria, contratados em cidades da região. Como se tratava da parte pagã dos festejos de Santo Antônio, essas festas costumavam ser bastante animadas, com os rapazes e as moças alegrando os bailes até o amanhecer do dia.

Na passagem da década de quarenta para a de cinquenta, um fato novo tornou os festejos de Santo Antônio mais animado ainda. Como os noiteiros já ocupavam as noites de primeiro a treze de junho, os rapazes começaram a fazer uma campanha para, também eles, terem direito a uma noite. Como fazer, então? Não se podia, simplesmente, tomar a noite de alguém, por mais humilde que fosse e não dispusesse de recursos para tornar a sua noite brilhante. O ambiente de Canudos, mesmo havendo as desigualdades naturais de qualquer sociedade, não permitia tal discriminação. Os rapazes, então, propuseram festejar a sua noite no dia 31 de maio, data aceita pelas pessoas de destaque. Foi um sucesso. Dispondo de recursos, já que se cotizavam, e muitos deles eram funcionários do DNOCS, puderam comprar mais fogos, contratar um “jazz” mais requintado e fizeram uma festa inesquecível. Mas esse sucesso fez surgir outro problema: também as moças desejaram ter a sua noite. Não houve tanto problema para essa decisão. Como os rapazes fizeram recuar o início da “trezena” para o dia 31 de maio, totalizando assim quatorze dias de festa, as moças ficaram encarregadas da noite de 30 de maio.

E no ano seguinte, numa tentativa de disputarem com os rapazes a façanha de tornarem a noite de 30 de maio mais bonita do que a do dia 31, as moças começaram cedo a recolher donativos, pedindo dinheiro e ofertas para o leilão. Para isso, recorriam aos pais, aos tios, aos irmãos, aos viajantes e aos próprios concorrentes. O resultado não poderia ser melhor. Como iniciante dos festejos, as moças seriam encarregadas da primeira entrega do ramo, justamente aos rapazes, donos da noite seguinte.

O líder dos rapazes, um simpático comerciante, acostumado a realizar grandes festas em Canudos, convidou a líder das moças, uma prima sua, para, unidos, contratarem uma grande orquestra, com vários componentes. Esta orquestra veio de Belém do São Francisco, lugar famoso por seus conjuntos musicais.

Foi intenso o movimento da alfaiataria e os comerciantes nunca venderam antes tantos cortes de linho. As costureiras não paravam suas máquinas dando vida a lindos tecidos de fai, organdi e voal, as donas dos vestidos escolhendo os modelos em revistas levadas pelos funcionários do DNOCS. E não podia ser

uma roupa só para cada um, que os dias de festa eram muitos, começando já com um acontecimento tão marcante, como a noite das moças, seguindo-se com a dos rapazes.

Nas cidades do interior, não só nos dias normais, como também nos dias festivos, as pessoas costumam banhar-se e trocar de roupa pouco depois das três horas da tarde. Este marco é o início da algazarra. Nos dias comuns, as ruas ficavam desertas nesses momentos, bem como nas horas das refeições. Se era festa, não se ouvia a zabumba, as pessoas se recolhiam e os meninos não brincavam. Nem todas as casas dispunham de banheiro e seus ocupantes usavam algum quarto ou mesmo o quintal para o banho. Muitos homens, rapazes e meninos banhavam-se no Poço da Pedra, no rio Vaza-Barris. Alguns levavam sabonete, outros simplesmente usavam a água. Mas ninguém, no rio, usava toalha, cabendo ao vento a tarefa de deixar os corpos sem humidade.

Os moradores de outras cidades, não tendo conhecimento das noites dos rapazes e das moças, somente chegavam a Canudos para os últimos três dias da trezena. Antes do DNOCS, chegavam montados, isolados ou aos grupos, amarrando os animais nos fundos das casas até o dia do retorno. Assim também faziam os canudenses, quando se dispunham a ir a Canché, Uauá ou Várzea da Ema, para as festas dos padroeiros dessas localidades. A festa começava na saída, uma quantidade imensa de rapazes, moças, velhos e meninos montados, as montarias em alvoroço, saindo em disparada, como se o ponto de chegada estivesse a poucos quilômetros.

Cada cidade, cada povoado, cada vila festejava o seu padroeiro com toda animação, mas todos esses eventos se pareciam muito, repetindo-se as novenas, os leilões e os bailes. E essas localidades recebiam muitos visitantes, principalmente gente da roça, ou os figurões da política, habitantes da sede do Município. A falta de infraestrutura, como estradas, abastecimento de água e locais para o repouso, causava grande desconforto, mas não desanimava os fiéis.

Em Canudos, porém, a situação era completamente diferente. Devido à fama do lugar, o Carnaval e a festa de Santo Antônio, o padroeiro, constituíam-se em eventos bastante divulgados e, por isso, muito procurados por tantos quantos pudessem comparecer, a pé, montado, ou nas carrocerias dos caminhões e até em luxuosas limusines. E como recebia bem os visitantes, os canudenses eram também recebidos com muito apreço. Mas, das festas de padroeiro, a mais frequentada pelos canudenses fora de Canudos, era a do Canché, no município de Jeremoabo, um simpático arraial distante apenas

trinta quilômetros. Laços de família concorriam para esses encontros anuais, ou, quem sabe, esses encontros anuais foram a causa de uniões de algumas famílias. Os canudenses, em Canché, sentiam-se em casa. E como dispunham de transporte fácil, como os caminhões do DNOCS, só não ia quem estivesse doente. Acontece que, sendo a festa de Santo Antônio, o padroeiro de Canudos, celebrada no mês de junho, os canudenses usavam os festejos da padroeira do Canché, Senhora Santana, que é comemorada em julho, para uma espécie de epílogo feliz de tantos dias de grande alegria. E os habitantes dos dois lugares, numa união perfeita, passaram a celebrar os dois eventos, como se um fosse o prolongamento do outro, com um pequeno intervalo para descanso, indo de 14 de junho a 25 de julho.

Havia muita coisa em comum entre os dois lugares: as rezas, a Zabumba, a cordialidade e as moças bonitas. Os canudenses aprenderam o caminho do Canché desde os tempos da perseguição a Lampião. Daí em diante, nunca mais se perdeu uma festa de Senhora Santana.

Como já se disse antes, nem todos os lugares do sertão dispunham de estrada. Assim também, acontecia com Canché, até o final dos anos quarenta. Mas essa situação não afastava de sua grande festa os habitantes de Canudos. Montados em bonitos cavalos ou velozes mulas, aquele mundo de gente deixava a praça da igreja numa correria enlouquecida, saindo todos do barracão, vestindo roupas novas e bonitas, como se fossem chegar em poucos minutos. Mas logo se convenciam de que era mais aconselhável uma marcha mais lenta e segura, e começavam a cantar, todos ansiosos pelo momento da chegada. Em Canché, as mocinhas sabiam que os rapazes de Canudos entrariam na rua naquela tarde e se enfeitavam todas, cada qual mais bonita, na esperança, quem sabe, de arranjar um casamento.

Canché era formado de um imenso retângulo, tendo na extremidade voltada para o nascente, a igreja. No centro, como em inúmeras outras localidades sertanejas, o barracão, ou mercado, usado nos dias de feira e de festa, local onde se vendia de tudo, desde bolachão até anel de latão. Para Canché, os canudenses levavam do progresso o que podiam. Quando ficou pronta a estrada, que passava pelo lugar com destino a Sergipe, os canudenses chegavam abarrotando os caminhões e o arraial quase não suportava de tanta gente. E uma das diversões mais procuradas pelos moradores da roça, era pagar um cruzeiro pelo direito de subir na carroceria de um caminhão e ficar dando voltas em torno do barracão. Por um passeio até um quilômetro fora da rua, pagavam dois cruzeiros e os ocupantes da boléia, geralmente casais de noivos, pagavam o dobro. Era uma alegria subir naqueles veículos, todos sorrindo, alguns bêbados, outros segurando na mão o chapéu, dando adeus para os amigos e parentes. Certamente iriam contar, em suas casas, na roça, a grande odisséia de terem andado de caminhão.

Quando terminava a festa do Canché, os canudenses retornavam tristes, sabendo que tinham de esperar por quase um ano para se entregarem aos festejos de Santo Antônio. So os noivos, quando havia casamento, retornavam felizes, ansiosos pela lua-de-mel. Nesse caso, a festa prosseguia em Canudos.

Alguns anos depois da guerra, começaram a chegar a Canudos alguns ex-moradores e pessoas de outras localidades, estabelecendo-se à margem do vaza-Barris, construindo sobre os escombros do Belo Monte, povoado fundado por Antônio Conselheiro, algumas casas, a partir do local onde fora erguida a igreja nova, destruída pelos canhões da Quarta Expedição.

Como outras tantas localidades sertanejas, vilas, povoados e até cidades, Canudos ressurgiu formando uma grande praça, no meio da qual localizava-se o mercado, ou barracão, ocupando a nova igreja a parte final de uma das ruas, a poucos metros da igreja nova, cujas pedras e telhas ainda ocupavam o local onde fora erguida.

Com a chegada do DNOCS, a população do lugar foi aumentando cada vez mais, somando-se aos moradores os funcionários do governo e os que procuravam emprego. Assim, o próprio DNOCS fez construir uma bela e imensa casa para o engenheiro residente, ocupando uma posição privilegiada por trás da igreja e ligada ao acampamento de madeira por uma estrada, ao longo da qual foram sendo construídas novas habitações, todas para os funcionários. Próximo ao Vaza-Barris, na outra extremidade, entre as duas pontes e a margem da Transnordestina, foi erguido um conjunto de prédios destinados ao escritório, almoxarifado e oficina. Entre este conjunto e a residência do engenheiro, surgiu o acampamento de madeira, com os fundos em tijolo e um quintal em cada casa, onde foram plantadas árvores frutíferas. Do outro lado da estrada que dava acesso a Canudos, construiu-se um grande acampamento para os mecânicos, choferes e outros trabalhadores. Depois, os próprios moradores de Canudos construíram uma rua entre este acampamento dos mecânicos e o curral, ficando conhecida como rua Nova, perto da qual, em direção ao acampamento dos mecânicos, foram erguidos o quartel, prédio escolar e a Escola Rural de Canudos.

Embora fosse uma simples vila, pertencente ao município de Euclides da Cunha, Canudos se desenvolveu bastante, vendo entrar e sair caminhões abarrotados de mercadoria para o comércio local, e exportando pele de caprino para outros centros, inclusive a capital do Estado.

Foi nesse cenário maravilhoso, esquecido das agruras da guerra, que os apazes e as moças de Canudos fizeram surgir as duas grandes noites que

davam início aos festejos de Santo Antônio. Em comunicação permanente com Salvador, onde alguns jovens de Canudos começaram a estudar, não foi difícil adquirir todos os ingredientes indispensáveis a um espetáculo inesquecível. Assim, com roupas caras e bonitas; uma orquestra famosa e muitos quilos de fogos, as noites dos rapazes e das moças transferiram para o início dos festejos, toda a beleza que antes só existia nos últimos três dias, entre as datas de 10 e 13 de junho.

Sabendo que o noiteiro do primeiro dia, Manoel Ciriaco, não dispunha de recursos para sustentar uma batalha de fogos como desejavam os rapazes guardaram toda a munição para a noite das moças, a quem tinham, eles mesmos, ajudado.

Desta vez, não foi só a zabumba que fez a alvorada. A orquestra participou também, executando valsas famosas diante das casas das pessoas mais destacadas, inclusive de alguns rapazes e moças. Nesse instante, os fogos não foram em quantidade exagerada, mas duas girândolas acordaram quem ainda dormia. Naquele momento dava-se início à partida para o grande acontecimento.

A manhã foi curta, todos procurando informações, a igreja recebendo os últimos retoques, engalanando-se para as duas grandes noites. E quando chegou o fim da tarde, as pessoas começaram a sair de suas casas vestindo as roupas mais bonitas, as moças todas de branco e sapatos pretos e de salto alto. Os rapazes vestiam-se esportivamente, naturalmente guardando os melhores trajes para a noite seguinte.

A igreja com a nova iluminação, parecia um pedaço do céu, com anjos pelas paredes e no altar, onde Santo Antônio imperava absoluto.

O cortejo foi monumental, todos caminhando ao som da orquestra, as moças todas cantando e uma delas segurando o ramo que haveria de ser entregue ao representante dos rapazes, depois da reza. Elas mesmas se encarregaram de puxar os cânticos, em lugar das velhas acostumadas a essa tarefa. Foram cânticos novos, alguns até em Latim, tornando momento bastante especial e solene. Uma delas leu em voz alta, postada no altar, as orações mais importantes, acompanhadas pelas demais. E no fim, cantaram em louvor ao querido padroeiro. Depois, saíram vagarosamente, acompanhadas da orquestra, em direção à venda do líder dos rapazes, para a entrega do ramo. Mal saíram da igreja e começou o bombardeio. De longe, os rapazes começaram a soltar foguetes, bombas e todo tipo de fogos, não permitindo às moças a aproximação indispensável para a passagem do ramo. do lado delas, o poder de fogo não era igual, mas os dois lados fizeram cobrir Canudos de fumaça e muitas mãos foram levadas aos ouvidos,

ante o barulho ensurdecedor. A orquestra silenciou. Não se ouvia uma voz sequer. E quando reinou o silêncio, fogos de lágrimas iluminaram a noite e viu-se uma linda mulher portando o ramo, dirigindo-se ao representante dos rapazes. Os dois se abraçaram e os estampidos voltaram, com vivas e palmas.

Depois, o leilão. E na noite seguinte, não sendo possível suplantar a beleza criada pelas moças, os rapazes guardaram uma surpresa inesquecível. Alguns deles postaram-se diante da casa de Ciriaco, ajudando o velho guerreiro a rechaçar os fogos dos rapazes e o espetáculo da noite anterior se repetiu. Em dado momento, depois de um tiroteio inesquecível, fez-se silêncio. No meio da praça haviam cavado um grande buraco e, enquanto se providenciava a entrega do ramo, alguém pôs nele um grande morteiro, nunca visto antes pelos canudenses. Parecia um mourão, desses de se amarrar boi valente. Um lindo papel colorido envolvia-o. O líder dos rapazes, quando se fez silêncio, dirigiu-se ao morteiro e acendeu o pavio. Afastou-se alguns metros, sem temer. O povo todo afastou-se e as faiscas começaram a clarear tudo, saindo também uma grande quantidade de fumaça. Ninguém sabia o que era aquilo. As faiscas aumentaram. Cresceram. Subiram a uma grande altura, até que se ouviu uma grande explosão, maior do que a da ronqueira. E um pedaço do morteiro subiu ao céu, e lá em cima, no meio da escuridão, espalhou-se em lágrimas de todas as cores, num espetáculo inesquecível.

O açude de Cocorobó conseguiu acabar com toda essa imensa felicidade.

Retornando dos festejos de junho de 1996, na localidade hoje denominada de Canudos, resolvi passar pela verdadeira Canudos, onde viveu e morreu Antônio Conselheiro, destruída pela guerra e reerguida por homens determinados. Soube que o açude, construído para redimir uma região havia secado tanto, que a igreja de Santo Antônio fora toda descoberta. então, podia-se caminhar pelas ruas onde rapazes e moças e muitos religiosos realizaram tantas festas inesquecíveis. Fiquei impressionado quando o meu carro passou por sobre a velha ponte, encoberta desde 1967. Estacionei junto ao velho posto de gasolina e fomos obrigados a pular uma cerca, eu minha mulher e mais duas companheiras de curiosidade. Eu fui mostrando os locais, orientado pelas ruínas. Tiramos fotos na base onde por muitos anos fora plantado o canhão "A Matadeira". Mostrei um resto de parede, a oficina do DNOCS. E seguimos pela mesma estrada por onde os veículos entravam em Canudos. Reconheci o local do Cruzeiro das Almas. Instantes depois, entramos no que outrora foi a rua e passei em frente da casa onde nasci, orientando-me pelo piso do velho barracão, ainda intacto. Lá em baixo, a igreja, com pedaços de paredes ainda em pé, apesar de submersa por quase trinta anos. Passamos pelo posto médico e entramos no templo em ruína, onde Santo Antônio fora tantas vezes festejado. Dali podia-se

ver a porta do velho cemitério.

Retornamos, depois de tirarmos algumas fotos. Caminhava pelos escombros, a noite quase chegando. Cheguei a temer, como os fantasmas fossem aparecer naquele instante. Antes de escurecer, entramos no carro e retomamos a estrada de volta.

Sentia um misto de saudade e revolta. Se pudesse, destruiria a barragem do açude de Cocorobó e chamaria de volta os velhos canudenses para uma grande obra de reconstrução da minha velha, sofrida e inesquecível Canudos, antes duas vezes destruída pela insensatez dos homens.

Então, foi para isso que se fez o açude de Cocorobó?

UM DEPOIMENTO BRASILEIRO PARA A HISTÓRIA UNIVERSAL

*Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha Berthold Zilly
Filósofo e crítico de literatura, docente do Instituto
América Latina da Universidade Livre de Berlim.*

- É possível traduzir *Os Sertões*? É possível traduzir a "bíblia da brasilidade", publicada em 1902, obra considerada tão difícil e tão intrinsecamente brasileira, para outra língua, e ainda por cima para o alemão, idioma não-românico e alheio à realidade tropical?

Talvez o tradutor, como *vítima* das asperezas do estilo euclidiano, tenha o direito de afirmar que o livro, sob alguns aspectos, não é tão inacessível nem tão predominantemente brasileiro como às vezes se pensa. Pretendo, por mais surpreendente que pareça, deixar de lado aqui as suas inegáveis dificuldades para apontar algumas facilidades, linguísticas e temáticas, que *Os Sertões* também oferece ao tradutor.

A sua duplicidade - texto científico e poético, com certa predominância deste último aspecto - obriga o tradutor a procurar a máxima exatidão tanto no plano do conteúdo, da informação, das denotações, como também no plano estético, da forma, das conotações. Ora, sabemos que no texto poético a língua não é apenas um veículo para transportar idéias facilmente transferíveis para outro texto em outra língua, mas que a estrutura linguística e o estilo fazem parte da própria mensagem, que portanto não pode encontrar total equivalência em outro idioma.